

**ENTRE A "DOCTRINA" E A RETÓRICA:
OS TRATADOS SOBRE OS QUATRO
NOVÍSSIMOS (1622)
DE FREI ANTÓNIO ROSADO O.P.**

ZULMIRA C. SANTOS
Universidade do Porto

*Os livros são os instrumentos e as ferramentas
do ofício de quem prega.*

DIEGO DE ESTELLA, *Modus Concionandi*

A literatura de espiritualidade produzida em Portugal, ao longo de seiscentos, evidencia, pela simples leitura de títulos, a importância que o século concedeu à temática da morte em geral e dos "últimos fins" em particular, como meio de organização da vida interior dos fiéis, sobretudo na perspectiva da formulação de modelos de perfeito comportamento moral e religioso — atente-se, apenas como exemplo, no relevo que as *Vidas* atribuem ao momento da morte — mas também, e em consequência, como área que importava ter em atenção do ponto de vista da formação do clero, no sentido em que dele dependia, em larga medida, a salvação ou condenação eterna das almas por que era responsável¹. Enquanto as *Vidas* subli-

¹ Basta para tal percorrer a *Bibliografia Cronológica de Literatura de Espiritualidade em Portugal 1501-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa da FLUP, 1988. Obviamente, os títulos fornecem uma primeira indicação a confirmar pela consulta directa das obras. No entanto, para além dos textos que inequivocamente ostentam os seus objectivos, consignando na designação escolhida, a ideia de *arte para bem morrer*, existem muitos outros que inscrevem a meditação sobre a morte no seio de discursos aparentemente mais vocacionados para a difusão de formas de bem viver. Se o *Breve Aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão* (1621), do jesuíta Estevão de Castro, várias vezes publicado, embora com algumas diferenças de edição para edição, pode ser tomado como um exemplo significativo

nhavam formas de "bem morrer", explorando expectativas que o encadeamento narrativo do "bem viver" havia certamente criado — e nessa perspectiva funcionariam duplamente como "artes de bem viver" e "artes de bem morrer", contrariando a ideia de que era possível viver como pecador e morrer como santo ² — os textos mais especialmente dirigidos aos párocos, embora podendo também ser úteis aos leigos ³, privilegiavam as "disposições" para a "boa morte", facultando ao sacerdote uma panóplia de conhecimentos que lhe permitia exercer com eficácia o seu ministério ⁴. Trento originou, como é sabido, uma vasta produção, geralmente designada por "litteratura ad parochos", que, visando colmatar lacunas na formação doutrinal e teológica do clero, não deixava de inserir-se no mais

do primeiro tipo, do ponto de vista dos objectivos e formas de circulação — facultada por um conveniente, pequeno e prático *in-octavo* —, o segundo projecta-se em textos de natureza mais ambígua, pois que abordando as qualidades e virtudes necessárias aos cristãos em geral e aos prelados, frades, párocos e religiosos em particular, equaciona comportamentos sociais e morais no sentido de bem viver, avançando propostas de paradigmas "cristãos" de virtudes, nas diferentes situações de vida social e também no momento da morte. Participando, frequentemente, da natureza dos manuais de "civildade", como que "cristianizando" a denominada literatura de comportamento social, articulam a "reforma do cristão" com a ciência da conversação — e a consequente gestão do silêncio — o mistério da Encarnação ou as diferentes formas de castidade (FARIA, Francisco Freire de — *Primavera Espiritual*, 1664), a verdadeira prudência, a perfeição religiosa e as reiteradas virtudes do silêncio (AIRES, Francisco — *Retraio de Prudentes...*, 1664), os males da riqueza e da ambição (S. MIGUEL, Bernardo de — *Espelho de Razão. Amor Acenado*, 1690), ou o quanto é mais fácil, escolhendo um comportamento pautado pela razão, atingir o Céu em vez do Inferno (ÁLVARES, LUÍS — *Céu de Graça, inferno custoso*, 1692; ESPÍNOLA, Fradique — *Desejos do céu, Vozes de Varões Ilustres para lodo o género de pessoas poderem viver religiosamente*, 1694).

² E que algumas obras espelhavam no título: *Virtuosa vida e santa morte da princesa D. Joana. Reflexões morais e políticas sobre sua vida e morte* (1674) de Fernando Correia de Lacerda. Em relação a Santa Gertrudes, e neste campo particular, v. CARVALHO, José Adriano de — "Artes de Morrer na Idade Média e no Barroco: Exercício de União, Exercício de Anulação." in *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 13/14 — 5.º Série, Lisboa, Dezembro, 1990, pp. 157-164.

³ Cf. CASTRO, Estevão de — *Ob. cit.*, "Avisos para o que ajuda a bem morrer": "o Sacerdote ou pessoa que houver de ajudar a bem morrer algum enfermo que leve consigo este livrinho, o qual vai dividido em seis partes conforme os seis passos que tem a doença, e assim acontecerá muitas vezes passar o sacerdote todo este tratado com uns, e com outros não, com uns enfermos rezar muito, e com outros pouco, segundo a disposição, grau e estado de doença em que cada um estiver". Exemplo dirigido sobretudo aos leigos é o *Alivio de doenças e disposições para huma preciosa morte, orações, actos de Fé e Amor de Deus* (1691) de D. Fernando da Cruz, que procura resolver, ao longo de dezessete capítulos, as dúvidas que eventualmente se colocariam aqueles que estavam sujeitos a longas doenças (Cap. 1 — "Como se não deve ter por menos preciosa a morte, a qual precederão muitos achaques, penas & dores", "De como as mortes repentinas não sejam sinal de condenação...")

⁴ Recorde-se como o citado *Breve Aparelho...* (1621) de Estevão de Castro, retomando tópicos dos manuais de confessores, manifesta preocupações a este nível: "O que conhece de si que nam é idóneo para confessar, se o faz peca mortalmente porque se põem a errar, e fazer grande dano ao próximo, nam sabendo julgar, e curar bem sua consciência, para se saber quando a confissão he nula por ignorância grande do confessor".

amplo contexto das complexas relações entre o latim e o vulgar. Os anos posteriores ao concílio assistem, assim, ao esforço de reconstituição e precisão de núcleos doutrinários tidos como ortodoxos, na exacta medida em que se tornava forçoso definir um conjunto de princípios susceptíveis de conhecimento por qualquer fiel e que, verdadeiramente, se poderia reduzir a um patamar mínimo coincidindo com o que era absolutamente indispensável conhecer para alcançar a salvação eterna ou, pelo menos, escapar às penas do Inferno ⁵. O controlo sobre quem ensinava — pela confissão, pregação ou catecismo — resultava, naturalmente, como tem sido sublinhado, num controlo sobre a consciência dos fiéis, e daí que a Igreja pós-tridentina tanto investisse num programa de formação de sacerdotes, que passaram, por exemplo, a ser responsáveis também pela função de pregar, anteriormente assinalada sobretudo às ordens religiosas ⁶. Neste contexto particular, foi preciso esclarecer a "matéria praedicanda", tendo em conta a especificidade do auditório, circunstância que originou, no quadro da importância fundamental da parenética, um manancial de obras — tratados, manuais, "Sylvae locorum communium" — destinadas a facultar de forma rápida, mas segura do ponto de vista da ortodoxia, os saberes retóricos e doutrinários capazes de obviar às deficiências de um clero que Trento havia pretendido bem preparado na liturgia, pregação e administração dos sacramentos ⁷.

⁵ Apenas a título de exemplo, atente-se, como no início do séc. XVI, mais precisamente entre 1516? 17? e 1519, em termos de datas de representação, Gil Vicente mostrava a um público cortês como a ignorância podia conduzir, de diferentes formas, é certo, ao Inferno e ao Purgatório — *Auto da Barca do Inferno* e *Auto da Barca do Purgatório* — enquanto o "saber" patenteado pelo Papa, Cardeal,...Imperador, Rei..., conjugado com a crença na Ressurreição acabava por poder levar ao Paraíso. Sobre a importância deste núcleo fundamental de meditação sobre a morte na *Copilaçam...* vicentina cf. OSÓRIO, Jorge A. — "Sobre a Organização do Livro 1 da "Compilação" das obras de Gil Vicente (1562), in *Máthesis*, Viseu, U.C., 1995, pp. 35-48.

⁶ Os cânones tridentinos sobre a pregação — *Super lectione et praedicatione*. 5ª sessão de Julho de 1546, e o cânone IV do *Decretum de Reformatione* de 11 de Novembro de 1563 — sublinhavam a enorme importância atribuída a tal ministério e insistiam, no caso particular do segundo decreto, sobre a necessidade de aumentar a frequência de sermões, que deveria ser diária ou, pelo menos, trissemanal, na Quaresma ou Advento. Cf., entre outros, a síntese (que evidencia a tensão entre clero secular e regular) de RUSCONI, Roberto — "Predicatori e predicazione" in *Storia a'Italia, Annali 4, Intelletualli e potere*, Torino, 1981 e, mais recentemente, o sugestivo artigo de S. Giombi, "Dinamiche della predicazione cinquecentesca tra forma retórica e normativa religiosa: le istruzioni ai predicatori" in *Cristianesimo nella Storia*, vol XIII/1, Bologna, E. Dehoniane, 1992, pp. 73-101.

⁷ Para um elenco das retóricas eclesásticas pós-tridentinas cf. CASTRO, Aníbal Pinto de — *Retórica e Teorização Literária do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973 e FUMAROLI, Marc — *L'Âge de l'Éloquence, Rhétorique et "res literaria" de la Renaissance au seuil de l'Epoque classique*, Genève, Droz, 1980. Sobre a figura do pregador barroco, o retrato sintético de MORÁN, Manuel e ANDRÉS-GALLEO, José — "O Pregador" in *O Homem Barroco*, dir. de Rosário Villari, Lisboa, Presença, 1995, pp. 117-142 (1.ª ed. Bari, Laterza, 1991) e PROSPERI, Adriano — "O Missionário", *ibid*, pp. 145-171.

Deste ponto de vista, este amplo filão "literário", tantas vezes dirigido não apenas ao clero, mas também aos leigos, cumpria uma espécie de função de economia intelectual, de características pragmáticas — "brevius atque facilius" — já que, qual fio de Ariadne, permitia, num percurso orientado por objectivos formativos, simplificar o acesso ao essencial, sem a obrigatoriedade de leitura directa das fontes, ao mesmo tempo que, preenchendo "vazios", evitava leituras perigosas e prevenia interpretações menos aceitáveis⁸. Por outro lado, a existência de um núcleo de conhecimentos organizados, definidos e claros conferia ao sistema a indispensável coesão de que dependia um funcionamento regular.

Os *Tratados sobre os Quatro Novissimos.com lugares comuns dos Padres sobre a mesma matéria.*, de Frei António Rosado O.P., publicados no Porto, por João Rodrigues, em 1622, inscrevem o desenvolvimento do tema dos últimos fins neste amplo quadro pós-tridentino de "literatura formativa". Aliás, o dominicano, participante das principais estruturas de controlo contra-reformísticas — Comissário do Santo Officio, Visitador das naus estrangeiras⁹ — entende-se, sobretudo na qualidade de pregador, como um elo dessa cadeia de transmissão do saber, considerando que não executa tal tarefa apenas nesta obra, mas a vem desde há catorze anos cumprindo "em públicos sermões". Se o "rio de Deus está cheo de águas"¹⁰, assim o afirma no "Prólogo ao Leitor", e o "Rio de Deus he a divina Escritura", o "divino spirito" delas faz participantes a todos os fiéis "inda que em medida desigual, comunicando a hús caudalosamente, como a S. Jerónimo, Sancto Agostinho, Sancto Ambrósio, S. Gregório, Sancto Thomas"¹¹. A outros,

⁸ A propósito da aliança entre a "religião" e o "saber" vejam-se os sempre muito sugestivos artigos de PROSPERI, Adriano — "Intelletualli e chiesa all'inizio dell'età moderna" in *Storia d'Italia*, Annali 4, *Intelletualli e potere*, Torino, 1981, pp. 159-252 e "Riforma cattolica, controriforma, disciplinamento sociale" in *Storia dell'Italia Religiosa 2. L'Età Moderna*, Roma-Bari, Laterza, 1994, pp. 3-48 e BIONDI, Albano — "Aspetti della cultura cattolica post-tridentina. Religione e controllo social", *Storia d'Italia*, Annali 4, *Intelletualli e potere*, ob. cit., pp. 253-296.

⁹ Segundo Barbosa Machado, Frei António Rosado estudou Direito Pontifício na Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel. Professou na Ordem dos Pregadores em 1602 e "depois de ser Mestre jubilado na Sagrada Theologia e Presentado, foy Consultor do Santo Officio, Visitador das naos estrangeiras nesta Corte, cujo ministerio também exercitou na Cidade do Porto. Passou ao Brazil por Comissário do Santo Officio donde voltando morreo no Convento da Batalha no qual tinha nacido para a Religião pouco antes da Acclamação do Sereníssimo Rey D. João o IV" (*Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Coimbra, Atlântida, 1965, pp. 378-379).

¹⁰ Cf. "Prologo ao Leitor": "*Flumen Dei*, Pio Lector, como testifica o Psalmista no Salmo 64. *Repletum est aquis*; O Rio de Deos está cheo de aguas; Rio de Deos he a divina escritura, que nasce desse archipelago inexhausto, & immenso da primeira verdade por esta rezão o Propheta Hierimias no cap. 14 de sua prophecia chama a Deos fonte de aguas vivas."

¹¹ Ibid.

continua Frei António Rosado, comunica em menor abundância, a outros em menor medida e a outros "a gotas". Inserindo-se neste último agrupamento — "a quem a divina bondade fez mercê & graça de hua pequena gotazinha" ¹², o dominicano sublinha que, se a tem repartido nos sermões pregados, idêntica intenção o norteia ao redigir os presentes escritos, "para que se conserve", quando a vida lhe faltar. Entre a pregação e os *Tratados...*, apenas uma diferença fundamental: a da efemeridade da palavra dita face ao carácter perene da palavra escrita, sugestão que de alguma forma explica que a dimensão parenética contamine não só a estrutura organizativa da obra, do ponto de vista da arquitectura, mas também o próprio encadeamento textual.

1. Do fiel ao pregador

Dividida em quatro livros — Morte, Juízo, Inferno, Glória ¹³ — particularizados em "Discursos", a obra de Frei António Rosado integra ainda um "Índice das cousas notáveis" ¹⁴ contidas em cada tratado e "lugares comuns" em latim. Curiosamente, enquanto o dominicano aponta como destinatário um nebuloso "pio Lector", sem mais qualificações, a quem pretende persuadir "aborrecimento de vícios" através da "memória da morte", o Autor da "Aprovação" distingue entre "os que não estudaram", a quem persuade pela clareza expositiva, os mais doutos, na medida em que se trata de "subida doutrina" e muito especialmente os pregadores, para quem a obra é julgada particularmente útil ¹⁵. Neste contexto, o prólogo e as diferentes licenças que, verdadeiramente, funcionam como indicações de leitura ou, pelo menos, orientações de linhas de força interpretativas anunciam a

¹² Ibid.

¹³ Respectivamente intitulados: "Tratado Primeiro Sobre o Primeiro Novíssimo da Morte"; "Tratado Segundo sobre o Segundo Novíssimo do Juízo"; "Tratado Terceiro sobre o Terceiro Novíssimo do Inferno"; Tratado quarto sobre o quarto Novíssimo da Gloria".

¹⁴ "Índice das cousas notáveis conteudas no primeiro Tratado do Primeiro Novíssimo da morte" (p. 57). Para além dos diferentes índices referentes a cada "Novíssimo" em particular, existem ainda aqueles que remetem para os "Locis Communes": "Index Rerum Notabilium quae continentur in locis communibus de morte"; "Index Rerum quae continentur in locis communibus de judicio"; "Index Rerum quae continentur in locis communibus de morte"; "Index Rerum quae continentur in locis communibus de Gloria".

O tratamento dos "Novísimos" é precedido por um "Catalogus Sanctorum Patrum Piorum Atque Sapientissimorum Doctorum Quorum scriptis in hoc opera nsus sum" e por um "Sermão feito na Sé do Porto, na Tresladação que fez o Senhor Bispo D. F. Gonzalo de Morais, dos ossos dos Senhores Bispos, seus antecessores, anno de 1614, aos 20 de Março, dia de S. Martinho Arcebispo de Braga (pp. 1-21).

¹⁵ cf, "Aprovação".

natureza compendial dos *Tratados...* e sublinham a utilidade a três níveis: como objectivo mais geral e mais claramente determinado, conseguir o "aborrecimento de vícios" pela memória da morte, supondo um leitor de contornos imprecisos a quem se torna premente comunicar um conjunto de conhecimentos essenciais — a "boa doutrina" — sobre os últimos fins; facultar aos mais doutos "subida doutrina", pela erudição patenteada; servir os pregadores, pelo acesso a múltiplas fontes que, sendo úteis para os mais doutos, se tornam particularmente fecundas para quem prega, sobretudo se auxiliadas pelos "lugares comuns em latim".

Este funcionamento discursivo a três níveis, tão valorizado pelos censores, faz pensar que o texto comportaria a importante dimensão da "perspicuitas", que Frei Luís de Granada tanto havia sublinhado como um dos também três parâmetros do perfeito sermão ¹⁶ — no sentido em que a categoria de discurso seleccionado serviria simultaneamente vários tipos de destinatários, evidenciando a difícil mas possível conciliação entra a vertente linguístico-literária e os aspectos teológico-doutrinários. Quando a "Aprovação" acentua que "depois de ensinar a gente que não estudou pela clareza com que trata dos quatro novíssimos (ainda que por subida doutrina serve a Doctos) ajuntou a elles lugares comuns em latim, em que os pregadores do Evangelho tem muito de que se aproveitar", ressalta a existência de uma "clareza" discursiva que não atraiçoa, em nome de uma qualquer simplicidade, os núcleos doutrinários fundamentais, sobretudo em matéria tão sensível quanto o era a salvação ou condenação eternas, situando-se nesse lugar algo utópico, tributário do saber retórico, onde era possível a divulgação sem custos teóricos. O mesmo é afirmar que a estruturação e organização escolhidas conferem ao texto uma enorme fecundidade explicativa, capaz de colmatar prováveis lacunas de um triplo ponto de vista: o dos fiéis em geral, o dos doutos e dos pregadores em particular.

A "doutrina" sobre os últimos fins interessa aos fiéis porque define o que é a morte, de onde veio, quantas formas há de morte violenta. Aponta a importância, a proximidade e as características dos Juízos Particular e Final. Descreve, com rigor impressionante, a geografia do Inferno ¹⁷ — da situação no centro do mundo à entrada larga e espaçosa, se bem que no

¹⁶ Ou mais exactamente do "estilo cristão". Sobre a *Ecclesiasticae Rhetoricae, sive de ratione concionandi libri sex. nunc priinwn in lucem editi* de Frei Luís de Granada, cuja primeira edição se publicou em Lisboa, em 1576, vejam-se, no conjunto de uma ampla bibliografia. CASTRO, Aníbal Pinto de — *Ob. cit.*; JERECZEK, Bruno — *Louis de Granade disciple de Jean d'Avila*, Fontenay-le Comte, Lussaud, 1971 e FUMAROLI, Marc — *L'âge de l'Éloquence*, ob. cit..

¹⁷ Não esquecendo, naturalmente, as referências ao Purgatório, embora dele tenha tratado mais "largamente em dous sermoens de defuntos" que juntou ao "novíssimo da morte". *Tratados...* p. 230.

interior os corpos se amontoem, o tipo de fogo, o quadro dos tormentos, concretizando uma ambiência criada em função dos sentidos humanos que actua como "pintura falante" — as "descriptiones" — derperando pela imaginação a afectividade do auditório: os olhos que observam o sofrimento dos outros, porque nas trevas infernais, já que às chamas foi retirada a qualidade da luz, permanece uma claridade tenuíssima, justamente com esse propósito; os ouvidos martirizados pelos ruídos, pela confusão dos gemidos de dor; o gosto, pela fome, sede, bebidas de fel e vinagre; o cheiro, pela concentração do odor das fezes; o tacto, pelo fogo que constantemente queima os corpos. Sugere, por fim, porque Glória é inefável — não há, obviamente, termo de comparação que sustente o símile — o seu lugar, o "ceo Empírio", que dista da terra 1790 meríades 925 500 léguas, nos antípodas das trevas infernais, as suas prováveis dimensões, os espaços amplos, pois que a mínima parte do Paraíso é maior que o universo, a bem-aventurança que não pode explicar-se com palavras porque está para além delas¹⁸.

Toda esta construção retórica assenta em idêntico esquema argumentativo: em primeiro lugar, a definição do novíssimo a desenvolver¹⁹ que se vai fazendo progressivamente, do global para o particular, como se se procurasse responder, pedagogicamente, a eventuais perguntas. Que coisa é a morte, de onde veio, se Deus nos livrou da culpa porque não o fez da morte? Qual é o tempo do Juízo Final? Como será? Quem é o Anti-Cristo? Onde é o Inferno, quanto mede, quais os tormentos? Como é a Glória, onde fica, em que consiste?

Investindo num concretismo tecido de indicações precisas, tantas vezes legitimadas pelos números — as mais de seiscentas formas de morte natural, para além das violentas, o tempo do Juízo final, 45 dias medeiam entre a morte do Anti-Cristo e esse terrível momento, as medidas do Inferno e do Paraíso, Frei António Rosado parece querer preencher um eventual vazio de informação dos fiéis em geral, enquanto dirige aos mais doutos o comentário dos lugares da Sagrada Escritura, dos Santos Padres ou dos modernos, como Brás Viegas²⁰, opções que prosseguem o primeiro momento da definição a que atrás aludimos — no sentido da "amplificatio" — permitindo uma conclusão englobante. As séries sinonímicas, os

¹⁸ Sobre as descrições do Inferno e Paraíso, sobretudo nos sécs. XVI e XVII, CAMPORESI, Piero — *La Casa dell'Eternità*, Milano, 1987 e MARTINEZ ARANCÓN Ana — *Geografía de la eternidad*, Madrid, 1987.

¹⁹ De uma forma geral o "Discurso Primeiro" procede à definição, umas vezes pelo recurso à técnica do "exemplum" (Tratados Primeiro e Segundo), outras da indicação "Argumento" (Tratados Terceiro e Quarto).

²⁰ Cf. *Tratados* ., p. 41: "Pêra os Doctos & curiosos quero com hum Doctor moderno curioso & docto, concordar ambas as opiniões...".

muitos e vários *exempla*, a passagem pelas fontes, da Bíblia à Tradição aos Padres e, com muito menor incidência, aos filósofos "gentios" permitem um encadeamento textual construído de avanços e recuos que, todavia, nunca o são totalmente, na medida em que não passam de estratégias enunciativas para melhor sublinhar a ideia veiculada.

Ideia que para os fiéis em geral ficaria clara, ou não fosse a repetição frequentemente quase obsessiva. Que para os mais doutos se encontrava fundamentada pelos comentários eruditos. Ideia, cuja fonte se tornava fácil de localizar pelos pregadores, pois que cada um dos Novíssimos se fazia acompanhar por um elenco de "cousas notáveis" e de lugares comuns em latim, espécie de "*Sylva locorum communium*" indispensável a qualquer retórica ou manual de pregação.

2. O Sermão de Sermões

Se, como já afirmámos, o acentuar do cariz parenético se torna, nos *Tratados...* de Frei António Rosado, materialmente mais visível nos "lugares comuns em latim", ele não deixa de estar presente no travejamento geral do texto, tomando-o a provável matriz de muitos sermões, na medida em que as aparentes reiterações serviriam para obviar as dificuldades da "inventio" e também da "dispositio", fornecendo ao pregador diferentes maneiras de construir um discurso sobre os Novíssimos. Deste modo se pode entender que ao chamar a atenção, no prólogo, para a sua condição de elo na cadeia de transmissão do saber ²¹, o dominicano sublinhe a qualidade de pregador, desde há catorze anos, que lhe tem permitido repartir o saber adquirido, frisando que o traço distintivo entre os sermões que prega e os presentes tratados reside tão somente na circunstância evidente de que "nestes escritos" a "gotazinha" se conserva, mesmo quando a vida lhe faltar, como se acenasse a uma certa cristalização do saber, através da fixação de um "corpus" homogêneo de doutrina sobre a Morte, o Juízo, o Inferno e a Glória.

Contudo, as considerações a inscrever no contexto da pregação não se limitam a esta vontade de materializar um conjunto de princípios doutrinários. Prolongam-se pelas palavras sobre o estilo, referido também ao contexto da parenética, pelo comentário, no prólogo, das discutidas passagens da Epístola de S. Paulo aos Coríntios, entendidas como justificações de um estilo áspero — "não quero gastar tempo em me desculpar de não ser tam

²¹ Cf. "Prólogo...": "a quem a divina bondade fez mercê, & graça de hua pequena gotazinha".

pollido no estylo, como o mundo hoje quer, porque como me prezo de filho de S. Domingos estou ferrado ao que elle tanto encomenda a seus filhos, que não preguemos mais que a Christo crucificado, & assi podemos dizer com S. Paulo: Nos autem praedicamus Christum crucifixum, judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam"²², e pelas referências a algumas reacções despertadas pela sua forma de pregar, na Epístola Dedicatória ao Bispo Inquisidor, D. Fernando de Mascarenhas²³.

Ainda que releve as "tempestades desfeitas" que contra si se levantaram, o dominicano considera que "nestes miseráveis tempos" a eficácia reside em "carregar no sal da repreensão" ²⁴. Porquê?

A resposta encontrá-la-emos sobretudo no *Tratado Sobre o Segundo Novíssimo do Juízo*, que exerce em relação ao todo da obra uma espécie de força centrípeta: "miseráveis tempos" são, justamente, os de Frei António Rosado, os anos de 1620, em que Portugal precisa de chorar os pecados castigados em Alcácer Quibir: ²⁵ "Vede o destrago que fez [a morte] nos Persas, nos Gregos, nos Medos, & nos Romanos, na nossa Hespanha; & de fresco, no nosso pouco venturoso Portugal, acabandonos em África hum tão poderoso Rei, com todo seu exercito, & com com elle todo nosso gosto" ²⁶. "Miseráveis tempos" porque tempos de Anti-Cristo, "homem de pecado", tempos do Rei de Inglaterra, inimigo da Igreja Católico, da Alemanha,

²² Cf. "Prólogo ao Leitor".

²³ Cf. "Epístola Dedicatória...": "Mas porque a experiência me tem mostrado que em todas as partes onde até hoje tenho pregado fis com a ajuda, e favor do Senhor algum fruto nas almas com minhas doutrinas por mais que alguns apaixonados me tachassem de áspero demasiadamente na repreensão".

²⁴ Ibidem. "que nunca pude acabar comigo mudar o estillo por mais tempestades desfeitas que contra mim se levantarão, porque como vim já homem à Religião, e experimentado nas couzas do mundo entendi em minha consciência ser necessário nestes miseráveis tempos carregar a mão no sal da repreensão".

²⁵ Ao descrever o Inferno, Frei António Rosado explica que este é uma terrível masmorra, lembrando os prisioneiros portugueses no norte de África: "Ha que triste cárcere este Christãos, aue masmorra tão cruel, não lhe chega a de Argel, Tetuão, Fez ou Marrocos..." (*Tratados...*, p. 234). A força de atracção do *Novíssimo do Juízo* pode avaliar-se até de um ponto de vista espacial. No cômputo geral da obra, enquanto o *Novíssimo da Morte* ocupa 35 páginas (mais 28 para os *Communes Loci* e 3 para o "Index Rerum), o do "Inferno" 27 (mais 40 para os "Loci Communes" e 3 para o do "índex"), o da Glória 25 (mais 16 para os "Loci Communes" e 1 para o "Index"), o *Novíssimo do Juízo* estende-se por 69 páginas — ultrapassando o dobro de qualquer um dos outros — mais 47 para os "Loci Communes" e 3 para o "Index". Na totalidade, o "Juízo" ocupa 119 páginas, a "Morte" 66, o "Inferno" 70 e a "Glória" 42. Excluimos desta contagem, por não serem significativos, os "Índices" dos "Loci Communes" que ocupam apenas 2 páginas para os *Novísimos da Morte* e do "Juízo" e 1 para o "Inferno" e a "Glória".

²⁶ *Tratados...*, p. 27.

berço de hereges, de parte da França... E, por conseguinte, se "o aver de reinar no mundo o Anti-Crístico he sinal certo de estar perto o Juízo Final esse dia está próximo" ²⁷.

Face a um perigo tão iminente — e aqui reside a "tese" fundamental dos *Tratados...* é forçoso convencer os fiéis — ou talvez principalmente aqueles que por eles são responsáveis do ponto de vista espiritual — que o fim dos tempos está perto ²⁸. Que é necessário arrepender-se e mudar de vida, para não reear a violenta justiça do Juízo Final e escapar à condenação eterna. E persuadir implica "arrastar as vontades", usando um "saber" retórico que não passa pela musicalidade das palavras e ritmo eufónico dos períodos, mas sim por um forte investimento numa violência verbal que configura um dos caminhos escolhidos pela oratória cristã e que mais tarde, sobretudo no quadro das missões, se tornará própria de um estilo de pregar que não dispensará as encenações teatrais de um Frei António das Chagas ou do famoso Padre Segneri²⁹.

Por outro lado, Frei António Rosado faz do texto um amplo repositório das múltiplas fontes apocalípticas e milenaristas, divulgando-as ao facultar extractos de obras para cuja leitura se tornava imprescindível saber

²⁷ Cf. *Tratados...*, p. 118 e 120: "Se aver de reynar Christãos, no mundo o Antechristo com tanta tyrania & crueldade he sinal certo de estar perto o dia do juizo, tende por certo, que está o juizo à porta; pois por nossos pecados está o mundo cheo de Antechristos, Antechristo he todo o mao Christão, Antechristo quer dizer contra Christo..."; "Que mais Antechristo que o Rei de Inglaterra, enemigo capital da Igreja Catholica, & todos os demais hereges dos nossos tempos, de que está semeada Alemanha alta, & baixa, & parte de França por nossos pecados."

²⁸ Sobre a centralidade desta questão na obra de Frei António Rosado, cf., neste volume, CARVALHO, José Adriano de — *Os Últimos Fins de Portugal*.

²⁹ A tratadística parenética barroca discutiu, como se sabe, na esteira da tradição clássica, a opção por técnicas de persuasão orientadas predominantemente para a afectividade ou a inteligência. Frei Luís de Granada já havia chamado a atenção para a necessidade de aterrorizar e comover, movendo os afectos e recorrendo a uma argumentação breve mas dura, áspera e copiosa (*Ecclesiastica Rhetorica...* ob. cit). Para a presença e interpenetração destas duas linhas, para além do sempre muito útil capítulo de FUMAROLI, M. — "Aetas Ciceroniana" in *L'Âge de l'Éloquence*, ob. cit., pp. 37-230, O'MALLEY, J. W. — "Content and Rhetorical Forms in Sixteen-Century treatises on Preaching" in *Renaissance Eloquence. Studies in the theory and Practice of Renaissance Rhetoric*, ed. J. J. Murphy, Berkeley and Los Angeles, 1983, pp. 238-252 e BOLZONI, L. — "Oratória e prediche" in *Letteratura Italiana, III: Le Forme del testo, 2. La prosa*, Torino, 1984, pp. 1057-1063.

Recordemos a carta do Padre António Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo, em 1675, a propósito de Frei António das Chagas: "Haverá dois ou três anos começou a pregar apostolicamente exortando a penitência, mas com cerimónias não usadas dos Apóstolos, como mostrar do púlpito uma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes um Cristo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes".

latim ³⁰. Comenta, traduz e divulga Brás Viegas ³¹ — "Misticamente vio todos estes rigores em suas relaçoens o Discípulo amado de Jesu, capít. I. *Apocalypsis*, como explica hum moderno docto [Brás Viegas], onde diz, que vio hum homem admirável: & entre muitas particularidades, que aponta de sua compostura, forma, & feição diz que a que mais o atemorizou, ^{foi} o ver, que lhe sahia da boca huma espada de dous gumes" ³². Esclarece "lugares assaz escuros das divinas letras" ³³. Apresenta e cita os diferentes comentadores do Apocalipse.

Se as impressionantes descrições do Inferno poderiam dirigir-se, pelo concretismo e aparente simplicidade, ao fiel em geral, a panóplia erudita que sustenta os quatro Novísimos e muito particularmente o do Juízo parece altamente vocacionada para os pregadores, ao fornecer um amplo quadro que serviria como fonte das diferentes partes estruturantes de um sermão, obedecendo a um critério de dupla verdade que concilia retórica e teologia.

Existe uma verdade mais simples — traduzida nas descrições da morte, no tempo do Juízo, no inefável da Glória, mas existe também uma outra mais complexa que assenta no comentário das fontes e no esclarecimento dos "lugares mais escuros" ³⁴. A primeira dirige-se aos fiéis em geral, a segunda aos doutos e sobretudo aos pregadores, em particular. Esta aliança entre a retórica e a teologia permitia que a comunicação se processasse em função dos níveis de cultura e sensibilidade teológica dos destinatários, fazendo com que a "mensagem" fundamental — o Juízo final está próximo, porque o tempo de Frei António Rosado é tempo de Anti-Cristo, e daí a premência de que todos saibam o que os espera — atingisse também os fiéis que lessem a obra, mas, e essencialmente, o grande número destes a quem este "saber" deveria chegar pela mediação da pregação, como

³⁰ Uma primeira pesquisa no âmbito das estratégias de relacionamento, por estes tempos, entre o latim e o vulgar, permite concluir que Frei António Rosado recorre a uma mesma metodologia: ou resume o texto latino que transcreve depois, ou copia-o primeiro e parafraseia-o a seguir ou limita-se a introduzi-lo como prova argumentativa sem resumir nem parafrasear.

³¹ Sobretudo os conhecidos e traduzidos *Commentarii in Apocalypsim Joannis Apostolis*, Évora, Manuel da Lira, 1601.

³² *Tratados...* p. 105.

³³ *Ibid.* p. 114. Como exemplo da discussão das fontes, entre muitos que o texto proporciona: "Bem sei que alguns doutores modernos do nosso tempo, querem que este lugar se entenda da sepultura, e não do Limbo, para o que lhes não acho fundamento bastante, o que largamente podem ver os curiosos nos lugares comuns, que a este novíssimo acrescento" (*ibid.*, p. 229).

³⁴ *Tratados...* p. 114. A verificar, essencialmente, na riqueza dos índices analíticos em latim que ocupam 147 páginas, enquanto o desenvolvimento dos Novísimos em si perfaz 156.

se o texto se situasse, em termos retóricos, entre a "afectividade" orientada para fiéis em geral e a "inteligência" facultada pelas fontes eruditas, pelos comentários em latim...

Nesta perspectiva, os *Tratados...* seriam uma espécie de sermão potenciador de sermões, pois que, constituindo o mínimo denominador comum dos muitos discursos pregados por Frei António Rosado ³⁵ — perdidos estes, esta espécie de texto matricial permaneceria — funcionariam também como a fonte de muitos outros para outros pregadores, cumprindo a tão pós-tridentina função, do ponto de vista das intenções, de homogeneizar, reunindo-os, conjuntos dispersos de saberes, no sentido da divulgação.

³⁵ Na "Dedicatória" a D. Afonso Furtado de Mendonça, Arcebispo de Braga, do *Tratado sobre a Destruição de Jerusalém...* (1624), o dominicano escreve ler prontos para impressão mais de seiscentos sermões. Cf. CARVALHO, José A. de — *Os Últimos Fins de Portugal...*, ob. cit.